



Cenário paradisíaco da nossa Casa da Arrábida (Setúbal).

SETÚBAL

Batismo de dor

TERMINOU o nosso Natal. Quis o Senhor, na Festa do Seu Baptismo, fazer-nos mergulhar num baptismo de dor.

Nos tempos mais recentes, por várias vezes, tem dado provas da amizade que por nós nutre e da confiança que em nós deposita.

Na preparação para o Seu Baptismo, estive no deserto a ser tentado, a aprender a «rejeitar o mal e a escolher o bem». Foi também isto que fizemos, neste Retiro não programado, em que toda esta Comunidade se viu mergulhada por morte de um dos seus membros.

A morte, particularmente a morte violenta, é um misterioso sinal da predilecção divina. «Sangue contra sangue», profetizava Pai Américo acerca do modo como a sua vida lutaria com a sua morte.

O antagonismo entre a vida e a morte está sempre presente na vida das criaturas, e atinge o seu clímax no cair do pano da existência terrestre do ser humano.

A morte só é «irmã», só é querida à maneira do «irmão de Assis», porque é a porta de entrada na Vida, tão ansiada pelos crentes inspirados pelo Espírito de Deus — abençoada morte que nos traz a Vida.

Quem não soubesse o que se passava em

nossa Casa, nas vésperas deste Domingo do Baptismo do Senhor, e entrasse na nossa sala de jantar em hora de refeição, certamente deduziria que estaríamos em Retiro. Tal era o silêncio, voluntário e de iniciativa individual, que o visitante pasmaria do quadro que se lhe impunha.

Um amigo, um irmão, um filho tinha partido. O confronto com a morte que nos toca, põe questões profundas aos caminhos que escolhemos e em que viajamos na nossa existência. Por onde vou? Com quem vou?

Agora vamos mais sós? O Tiago, que amávamos e apreciávamos quando o víamos, ama-nos agora ainda mais que o não vemos — pois se está imerso na vida do Amor?!

Mais uma luz se acendeu em nossas vidas, atraindo-nos à Luz que brilha na Casa de Deus. Os filhos vão-se reunindo à volta da mesa do Pai até que entre o último e tome assento.

Choremos por nós; deixemos correr em nossas lágrimas aquilo que turva a nossa vista e faz de nós homens cegos. Alegremonos com o Tiago porque a Paz transmitida em todo o Baptismo dos crentes, é a garantia da vitória sobre a violência presente nesta vida.

Padre Júlio

O nosso Jornal

DE uma carta, este mote:

«Meus amigos 'Gaiatos': Apesar de todos os bons propósitos feitos ao longo do ano, só ao chegar ao fim de Dezembro me sento a escrever-vos, pedindo desculpa por ainda não ter regularizado a minha assinatura — o que agora faço — e deixando ao vosso cuidado a aplicação do remanescente.

Durante todo o ano pretendi escrever-vos, agrade-

cendo o bem que me faz a leitura do nosso Jornal, que só 'peca' por não ser maior em número de páginas — que, em conteúdo, é inultrapassável.»

Feliz, sem dúvida, pela ressonância que O GAIATO estabelece entre tantos dos seus Leitores, consumando uma unidade de pensamento e de propósitos que lhe dá a força que ele tem, julgo — e quero dizer a este nosso Assinante — que o

«pecado» apontado é capaz de ser uma virtude e mais um sinal do Espírito na inspiração comunicada a Pai Américo.

As quatro páginas apenas; a periodicidade quinzenal — nem roubam tempo para outras leituras aos que têm o ofício ou a devoção de ler; e muito menos assustam os que não têm tal hábito, mas o Famoso lêem-no de «fio a pavio» e «mal o correio o traz»; e, como ele é pequenino, «muitos o relêem e fazem dele o livro de cabeceira». São desabafos constantemente repetidos que, se consolam quem os faz (para isso são os desabafos!), também em nós deixam uma profunda

consolação que nos anima e compensa de tantas contradições em que a vida é pródiga.

O GAIATO, tal como o Reino de Deus, do Qual quer e procura ser voz activa, é semelhante ao fermento: basta uma pequenina porção para levedar grande quantidade de massa. Não são precisas muitas páginas, nem mesmo é o conteúdo enquanto matéria pensante de quem escreve que lhe dá a eficácia. É a vida de que é feito; é a nossa vida em turbilhão, no meio do qual é feito; é «ser escrito não com tinta, mas com sangue», como dizia Pai Américo: sangue dos pequenos pelicanos com fome que a mãe sacia picando o peito e dando-lhes do seu sangue. Nenhum outro alimento tem o poder nutritivo deste sangue do peito da mãe. Sem este condimento as fomes permanecem insaciáveis, a Justiça uma utopia absolutamente fora do nosso alcance. Mas quando se dá o peito, todos os obstáculos se tornam ultrapassáveis, todas as metas se aproximam.

É esta ânsia de Verdade e de Justiça, convivente, embora, com a experiência das muitas misérias de que estamos cheios como todos os homens, que faz a qualidade d'O GAIATO. A quantidade até lhe poderia ser prejudicial...

MALANJE

Mirante

ATÉ dos rochedos brotam flores! As acácias rubras estão floridas!, e o grande ninho de telhados vermelhos parece cravado no sopé da montanha! A chave da Capela é uma nesga de céu suspenso no bico dos pássaros que cantam e cantam!

Escrevo-te da varanda — «mirante». Bebendo a paz que vem da lagoa e das manadas que pastam nos campos — em nossa Casa do Gaiato de Maputo. Tão belo!

Também no coração desta nossa Aldeia há harmonia e paz que se lê no olhar feliz dos rapazes.

Mais longe, muitas casinhas brancas. É o rio que nasce no coração da Obra da Rua e passa pelos corações do nosso Padre José Maria e Irmã Quitéria.

Não só casinhas, também Postos médicos, Creches, complexos de produção agrícola e industrial, tudo pelo Povo que descobriu novos horizontes em suas vidas e na sua Terra.

Uma senhora que conheci em 1991, com seu filhinho às costas em pano gasto, quando batíamos os ferrinhos da primeira creche, disse, abraçando-me: «Veja o que isto foi e o que é!» Verdade!

Continua na página 3

Segundo volume do livro «Calvário»

PASSAMOS, agora, pelo sector onde estão a embalar o livro *Calvário*, para seguir rumo aos assinantes da nossa Editora.

Estão lá muitos volumes já prontos!

O serviço tem demorado por via das últimas expedições d'O GAIATO. São mais de cinquenta mil, cada uma delas, pelo número d'assinantes, expedidas pelo correio... quinzenalmente.

O Carlos Alberto, irmão mais velho do sector, capaz de nos dar uma previsão, diz que é de crer que a novidade avance para a rua na semana de 14/18 de Janeiro. Mais: — *Há gente tão interessada na edição que já nos telefona ou escreve para mandarmos o livro pelos CTT. Vamos lá ver se conseguiremos dar vazão a toda esta empreitada — que não é pequena!* Acentua o Carlos Alberto.

Nós temos um especial amor pelo *Calvário* — última Obra que Pai Américo deixou (nas mãos de Padre Baptista) para que aos que mais precisam, a sociedade no seu todo não permita que os Pobres morram sem assistência, sem carinho, sem amor — nos Barredos de Portugal. Foi em assíduas e continuadas visitas a doentes postos de lado que o nosso Deus tocou forte em seu coração — por isso mesmo.

Júlio Mendes

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — O Inverno é sempre mau para os Pobres! Particularmente os abandonados por familiares — os que vivem sós.

Já tem acontecido em doenças difíceis ser necessário procurar um vizinho ou vizinha para dar a mão. Muitos são os casos desta ordem, ao longo dos anos! Espírito de fraternidade que diz bem das gentes.

Consoante as doenças, aumenta a quantidade de remédios solicitados e receitados pelos médicos.

Dias há que são muitos os que precisam da farmácia! Procuramos cumprir, na hora própria, com os donativos dos nossos Leitores.

CASAS DOS POBRES — Obras prontas nas do *Pessoal dos CTT de Moçambique* e do *Pessoal do Círculo de Saúde de Manica e Sofala*.

Agora, ocupamos trabalho e tempo na reparação e ampliação da casa dos *Funcionários Administrativos de Manica e Sofala*, vizinha daquelas outras, também do Património dos Pobres.

É, digamos, um pequeno mapa de Moçambique! Estado que desejamos cada vez mais próspero.

A última que referimos está a ficar um mimo! Seja a cozinha, seja o quarto de banho, seja tudo o mais.

Nós gostamos muito de ver os Pobres contentes. E a família desta casa, mãe viúva, filhos ainda na Escola Primária, sentem-se felizes porque terão uma digna moradia com os pertences indispensáveis.

VOZ DO PAPA — «O Dia Mundial da Paz é celebrado tendo como pano de fundo os dramáticos acontecimentos de 11 de Setembro.

(...) Desde então, por todo o mundo, as pessoas tomaram consciência, com nova intensidade, da sua vulnerabilidade pessoal e começaram a olhar o futuro com um sentido, jamais pressentido, de íntimo medo. Diante deste estado de espírito, a Igreja deseja dar testemunho da sua Esperança, baseada na convicção de que o mal, o «mysterium iniquitatis», não tem a última palavra nas vicissitudes humanas (...) Os recentes acontecimentos, com os terríveis factos sangrentos aqui lembrados, estimulam-me a retomar uma reflexão que frequentemente brota do mais íntimo do meu coração, quando lembro os acontecimentos históricos que marcarão a minha vida, especialmente nos anos da minha juventude. Os indescritíveis sofrimentos de povos e indivíduos, vários deles meus amigos e conhecidos, causados pelos totalitarismos nazista e comu-

nista, sempre interpelaram o meu espírito e motivaram a minha oração. Muitas vezes me detive a reflectir nesta questão: qual é o caminho que leva ao pleno restabelecimento da ordem moral e social tão barbaramente violada? A convicção a que cheguei, raciocinando e confrontando-me com a Revelação bíblica, é que não se restabelece cabalmente a ordem violada senão conjugando mutuamente a justiça e o perdão. As colunas da verdadeira paz são a justiça e aquela forma particular de amor que é o perdão. Mas, nas circunstâncias actuais, pode-se falar de justiça e, ao mesmo tempo, de perdão como fontes da condição da paz? A minha resposta é que se pode e se deve falar, apesar da dificuldade que o assunto traz consigo, e da tendência que há para conceber a justiça e o perdão em termos alternativos. Só que o perdão opõe-se ao rancor e à vingança, não à justiça. Na realidade, a verdadeira paz é 'obra da justiça' (Is 32, 17). Como confirmou o Concílio Vaticano II, a paz é 'fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens, sempre desejosos de uma mais perfeita justiça' (Const. past. *Gaudium et spes*, 78). Há mais de quinze séculos que na Igreja Católica ressoa o ensinamento de Agostinho de Hipona, segundo o qual a paz, a ser conseguida com a colaboração de todos, consiste na 'tranquilidade da ordem' (De civitate Dei, 19, 13).»

PARTILHA — Um cheque, de euros, em carta do assinante 27177, de Lisboa, «de modo a minorar as carências dos Pobres para que tenham uma consoada melhorada».

Coimbra: A assinante 68632, presente com «o restante, enviado para um Pobre necessitado». Cumprimos!

Dois mil, do assinante 32973, de Viseu. «Uma gota de água para o Oceano de necessidades que se vos depa-ram, mas o possível para se tentar ajudar a sede de justiça dos que sofrem».

Assinante 18348, da Guarda, destina o resto do donativo para «ajudarmos quem estiver necessitado. Agora, com 86 anos, passo a vida à volta de mim mesma como um pião, pois vivo sozinha e vejo muito pouco. Rezaí comigo».

Assinante 49610 e 47207 de Leiria com «migalhinhas para os Pobres da vossa Conferência».

Para ajuda «daqueles que sofrem», dez mil, da assinante 46355, de Paramos (Espinho). «Peço a Deus que me ajude — tenho cinco filhos». O temor de Mãe, justifica que defendamos os nossos filhos...!

Mais um cheque, agora do assinante 27380, da Capital. Outro, da assinante 26697, de Torres Vedras. A carta traz este pensamento: «Quando um Pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o de todas



Dois «Batatinhas» da nossa Aldeia de Paço de Sousa.

as angústias». Mais outro, da assinante 18909, de Cova da Piedade, que foi para o Natal dos Pobres. «Uma assinante de Paço de Arcos», 5963, presente com a partilha de Outubro e Novembro e «com a amizade de sempre, para a vossa Conferência». Cinco mil, do assinante 58190, do Porto, com a «migalhinha do costume». A assinante 66487, de Monte Estoril, com donativo para uma «obra de ajuda a uma família que reconheçam muito necessitada. Migalhinha pequena, mas do coração». O nosso Licínio, assinante 22165, que está em Paris (França), não esquece os mais carenciados.

Reatribuímos os votos de santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Está limpa. O chefe é o Sérgio. Os rapazes desta obrigação: «Lampião», «Caixa d'Óculos» e «Gordinho». Eles tratam bem os animais.

As vacas estão a ter mais crias e nós vamos ter mais leite ao pequeno-almoço.

As porcas também estão a criar bem. Temos cada vez mais porcos (e presuntos).

Antes do Natal abatemos alguns.

Vítor («Botija»)

AINDA O NATAL — Na casa 4 de baixo foi bonito.

Pusemos doces nas mesas e esperámos pelos estudantes da noite: Luís Carlos, Rolando, Flávio, Mário, etc.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro, 63.433 exemplares.

Depois de limparmos o chão do salão vimos dois filmes na televisão.

O chefe da casa dois ainda não sabe quando será a festa. Eles fizeram o presépio antes do Natal e quase igual ao nosso.

Luís Carlos

DESPORTO — Os Iniciados receberam, em 29 de Dezembro do ano que findou, a União Desportiva Sousense, equipa recheada de bons valores e com um futebol de primeiro toque. Não foi fácil aos nossos rapazes assentar o jogo.

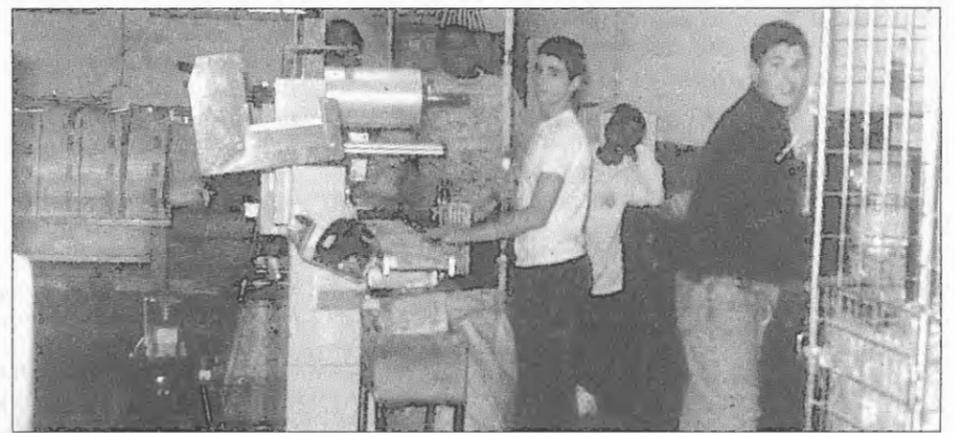
Apesar de no primeiro tempo andarmos à procura da bola, e de termos sofrido o primeiro golo do desafio, ainda não foi desta que, no final do encontro, saímos derrotados. Esta vitória teve um sabor especial: o último desafio de 2001. Fomos obrigados a fazer algumas rectificações, por exemplo: a saída do «Carlos Pote» e a entrada do Abílio para o seu lugar, que apesar de ter dado mais consistência ao meio campo, foram obrigados a trabalhar mais com a cabeça do que com o coração. Por vezes, a vontade de marcar golos, logo no começo do desa-

fio, não deixa que se ponha em prática o nosso futebol.

Neste final de ano, tivemos a visita de um rapaz que durante muito tempo fez parte da equipa dos mais velhos, que sempre acarinhos o nosso futebol juvenil: o «Vitinho», que trabalha em França, a quem dedicamos esta vitória. Soubemos que ao ler o nosso jornal, vai sempre à crónica do desporto para ver como anda o Grupo Desportivo. Desejamos-te muitas felicidades para 2002.

Se os Iniciados acabaram o ano a ganhar, os Sêniiores começaram o novo ano com o Rangers Futebol Clube, a quem também ganharam. Uma vitória folgada. Todos se aplicaram, dando o seu melhor, houve até quem marcasse alguns golos, mas seria injusto não sublinhar o nome do «Pião» pelo esforço e correcção durante o jogo. Preocupou-se mais em jogar a bola do que... e, talvez por isso, tenha feito um jogo como já há algum tempo não o víamos fazer. Por seu turno, o Nilton não deixou os créditos por mãos alheias. A quem sabe, nunca esquece!... Não só jogou, como marcou dois golos, deu a marcar e fez a equipa jogar. Durante o tempo que esteve em campo, teve a preocupação de servir os colegas da linha da frente. Fiquei com a ideia de que para o Nilton, nem só quem marca golos demonstra que sabe jogar a bola. Muito embora, só se ganha, marcando, e desta vez foi uma faturinha!

Alberto («Resende»)



A máquina de endereçar O GAIATO e alguns responsáveis pela expedição.

SETÚBAL

ACIDENTE — Na sexta-feira tivemos um, muito trágico. Um rapaz desta Casa, o Tiago Cafivela, pendurou-se no tractor quando ia a recuar. A roda pisou-lhe o pé e depois puxou-o para debaixo. Quando bateu com a cabeça no chão perdeu os sentidos (disse o INEM). O tractorista, quando se apercebeu do sucedido, entrou em pânico. Ele não teve culpa nenhuma. O Tiago é que se foi pôr lá atrás sem nós sabermos. Eu tive a coragem de ir lá ver e, depois, fui chamar a senhora.

No dia seguinte, era para ser o funeral, mas não fizeram a autópsia a tempo. Nesse mesmo

dia, celebrámos Missa e o corpo do Tiago passou cá a noite. No Domingo, depois da celebração dominical, fizemos o funeral. Os rapazes foram todos. Vieram colegas e professores da Academia de Dança Contemporânea, onde o Tiago era aluno, e também professores das Escolas onde estudam os nossos rapazes. Muitas pessoas amigas estiveram presentes, as que ajudam nos trabalhos domésticos e catequistas.

Os rapazes ficaram muito tristes. Com tanta triteza, a ninguém apetecia comer nem falar nesses dias. Só se viam rapazes a chorar. Se nós já ficámos chocados, imagine-se os irmãos que tanto estão a sofrer porque perderam o mais novo.

Acreditamos que o Tiago está no Céu e que rezará por nós como nós rezamos por ele.

Os rapazes têm o vício de se empoleirarem nos tractores e de fazer *ski* a arrastar os pés no chão. Este acidente é um exemplo para todos, e agora há rapazes que dizem nunca mais se vão aproximar dos tractores; até os próprios tractoristas ficaram com medo de os guiar!

Junto do sítio onde aconteceu o acidente encontramos um ramo de flores e esta oração: «Sinto muito, meu irmão, por ter acontecido este acidente. Agora foste para junto de Deus-Pai. Eu e todos nós gostamos de ti. Os teus irmãos choraram muito e eu também. Nós nunca sabemos o que vai acontecer. Eu espero que tu, meu irmão, rezes por nós, pelos Pais da Rua, pelas





Um dos mais pequenos da Casa do Gaiato de Moçambique.

PENSAMENTO

O visitador de Pobres faz das lágrimas tinta de escrever.

PAI AMÉRICO

Senhoras, pelos Rapazes. Adeus, Tiago! Espero encontrar-te junto de Deus.

Rui («Rato»)

NATAL — Fizemos o Presépio que estava muito bonito. Vieram à nossa Festa rapazes que já foram cá da Casa e outras pessoas amigas. Depois, houve a Missa do Galo, como é tradição. No fim, foi a boda, no refeitório, com filhoses, bolos, doces, sumos e rebuçados. A seguir, recebemos os presentes. Um Natal muito bom.

João Correia

FIM D'ANO — Foi só com os mais novos e alguns dos mais velhos. Os outros, foram passar o Ano Novo com as famílias. Os que por cá ficaram também tiveram direito a uma festa doce. Alguns foram passar o Ano à casa da Arrábida com uma família amiga da malta. Os que foram ter com os familiares vieram no dia 2, como estava combinado, e vieram muito contentes por terem ido matar saudades. Agora, a responsabilidade é maior, pois, se não se portarem bem, para a próxima vez não vão...

Mário Queiroz e João Correia

FUTEBOL — Nós fomos ao jogo do Vitória de Setúbal-Boavista. Empataram 1-1. Um grande jogo que gostámos de ver. Vamos muitas vezes aos jogos do Vitória. Eles dão um papel para a gente entrar sem pagar. Nós gostamos todos do Vitória e costumamos puxar pela equipa. O nosso Padre Júlio também vai com a malta.

Carlos Jarreta

OBRAS — Estamos a fazer obras na casa-de-banho da casa dois e da casa três. Estamos a pôr louças novas e a modificar os esgotos porque já estava tudo muito velho e estragado. A água até vinha para o corredor! Agora, vamos ter casas-de-banho boas e bonitas!

Filipe André

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Acabamos de dobrar mais um ano. O Menino que quis entrar nos nossos corações, completou mais um ano desde a Sua vinda ao Mundo. Ele veio dizer a toda a Humanidade, como nos deveríamos comportar uns com os outros. Mas o mundo, já com o seu coração cheio de tudo quanto é mau, não encontrou espaço para este Menino.

Mas o certo é que Ele já veio há dois mil anos. Se Lhe abrimos os nossos corações, Ele estará connosco. Se não, então, ainda não nasceu e anda longe de nós.

Existem muitas formas de abirmos o coração a este Menino. E há tantos Meninos Jesus...! Nós estamos sempre a tropeçar n'Ele no nosso dia-a-dia: sempre que passamos por um Pobre e lhe viramos a cara, estamos a fechar o coração Àquele que veio para nos salvar. Não é verdade que nasceu humilde e pobre? Pois nesses é que Ele está. Não em lindos palácios. Não no fulgor das luzes. Não nos belos casacos de Inverno. Não em lindos palácios, porque sabemos que nasceu num estábulo. Não no fulgor das luzes, porque Ele é a Luz divina. Não está nos belos casacos porque apenas teve o bafo dos animais do estábulo para O aquecer.

Mais um ano passou e nós continuamos sem querer ver esta realidade. Por isso, as guerras, a fome, as pestes que vão acabando com a humanidade e com este mundo que seria tão belo se conseguíssemos limpar as poeiras dos nossos olhos que não deixam ver o Amor de Jesus Cristo em todos nós.

No nosso peregrinar fomos visitar, uma vez mais, os

Malanje

Continuação da página 1

Apesar da chuva que fez lama, não resistimos, Padre José Maria e eu, a dar voltas pelos campos de milho, de mandioca e das fruteiras.

Deliciados pelo campo de vinte e cinco hectares de milho onde o «pivot de rega» é sentinela à falta de chuvas do céu.

Quando em 1991 acompanhei, nos dois primeiros meses, o Padre José Maria e Irmã Quitéria e os ouvia sonhar alto com as realidades de hoje — confesso que me pareciam sonhos lá num pico inacessível... Não, a varinha de condão, tocada pelo amor, bateu na montanha rochosa e fez pedras vivas dos grandes pedregulhos!

Graças e graças ao Senhor!

Padre Telmo

Pobres. Já sabíamos que nos esperavam com ansiedade. Somos portadores do vosso amor. Graças a Deus que ainda há calor humano nos corações.

Como o tempo era de Festa, levámos mercearia, guloseimas, algumas roupas e dinheiro para o bacalhau.

A senhora da hemodiálise volta a andar triste. O filho que parecia ter abandonado a droga volta a não trabalhar e a perder-se no vício.

A viúva, com o filho doente, estava bem. Mas continua sem poder trabalhar, não só pela doença, mas, também, porque tem de cuidar do rapaz (homem). Ele estava preocupado porque nós não aparecíamos. Como era Natal esperava a nossa prenda. Primeiro, brinquetes. Agora, já homem, para nós é um problema. Levámos umas lambarices e ele ficou contente.

O casal de idosos deixa-nos o coração despedaçado. Apeteceu-nos acordar o neto mais velho, a dormir, e mandá-lo lavar a casa que tanto necessita de limpeza. Ela, já com oitenta e quatro anos, só tem pele. Continua a ser sozinha a tirar o marido da cama, a pô-lo na cadeira, onde está todo o dia, onde faz as suas necessidades. É ela que o cura das suas chagas. Diz, com certo orgulho: — *Sou eu e Aquele* (apontando para um crucifixo à cabeceira da cama) *que o curamos. Não preciso de mais ninguém.*

Fala-se muito em visitas do Serviço Social. Ali não existem sinais delas. É caso para perguntar: — Onde estão? Sentados a uma secretária à espera que os procuremos?

Estamos no começo de mais um ano. Que o Pai Américo, lá, junto do Pai do Céu, peça por todos nós, para que este ano, que agora começa, traga muita Paz aos nossos corações.

Olga e Valdemar

Sinais de vida

«Não me lembro há quanto tempo não contribuo para O GAIATO. Creio que já decorreu o tempo mais do que suficiente para dar sinais de vida.

O adiamento não é, de modo algum, devido a menosprezo pelo vosso Jornal, que leio sempre e sobre o seu conteúdo medito. Trata-se mesmo da única publicação regular que não suspendi nem jamais suspenderei, pois ela espelha para todos os que a lêem as injustiças e desvarios humanos que passam por esse mundo além.

Assinante 23805»

Fez-se luz!

«É com muita alegria que acabo de ler no Famoso que se fez luz nos corações de quem de direito e que nos foi reconhecido o porte pago. De qualquer modo o problema era de todos nós, os maiores beneficiários deste Amigo que nos entra em casa quinzenalmente e do qual já seria muito difícil prescindir. Tenho a certeza que a maior parte dos assinantes pensaram logo que com um pouco de boa vontade, e a generosidade de cada um, iriam aliviar o peso dos vossos ombros.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

Passados alguns meses sem notícias da nossa Associação, estamos, de novo, presentes para tentarmos com todo o amor que temos à Obra da Rua e seu Fundador, fazer um elo de ligação com os antigos gaiatos.

A nossa Associação teve um período de grande mobilização quando, em anos anteriores, conseguíamos reunir em Paço de Sousa no mês de Julho (aniversário do falecimento de Pai Américo), cerca de quatrocentas pessoas — antigos gaiatos, suas esposas, netos e bisnetos da Obra da Rua.

Nós não podemos esquecer a Casa que nos serviu de lar e nos lançou para a sociedade que, muitos de nós enquanto crianças, desconhecíamos. Todos, enquanto gaiatos, tivemos oportunidade de nos prepararmos para entrarmos nessa sociedade. Mas, como acontece nas famílias, uns, aproveitaram; outros, não.

Qualquer que seja a nossa posição nunca poderemos esquecer que tentaram fazer de nós pessoas úteis. E, acima de tudo, nunca devemos ter vergonha de dizer que fomos gaiatos. Digo sinceramente que durante toda a minha vida tive e tenho orgulho de pertencer a esta Obra, de ser gaiato.

Tudo isto vem a propósito para dizer que nos devemos unir em volta da nossa Associação e criar um elo de amizade entre todos os que passaram pelas Casas do Gaiato, porque todos nós temos uma dívida de gratidão para com Deus por nos ter dado um Pai Américo; ou seja, uma Casa onde somos família.

Brevemente daremos notícias, pois desejamos que o 16

Cartas

Bem hajam por dividirem connosco estas horas amargas e o nosso muito obrigado ao Pai Américo que, lá do Céu, vos sussurou ao ouvido: — *Meus bons filhos, tenham calma, eu estou sempre convosco...*

Assinante 26580»

DOCTRINA

A pobreza também ajuda a pobreza



Júlio Mendes foi um dos distribuidores do último número d'O GAIATO, no Porto. Calhou pedir na zona de Santa Catarina onde eu me ocupava a fazer o mesmo, dentro da Capela das Almas. Eis como ele tira o retrato ao episódio que narra:

«Foi esta comovida cena que se passou junto à porta da igreja das Almas, mesmo na altura em que o Pai Américo tinha acabado de falar ao povo fiel e amigo da Casa do Gaiato: À saída daquela Missa, uma mulher, comovida e com lágrimas a saírem dos olhos, aproximou-se de mim, e disse: 'Toma lá 2\$50 para ajuda das vossas Casas. Estive a ver se podia meter na sacola do sr. Padre Américo, mas não chegou ao pé de mim; por isso dou-os a ti, que tanto me faz; e diz lá ao sr. Padre que não posso dar mais porque sou uma mulher que ganho pouco e sou muito pobre.'

Esta quantia de dinheiro dada por aquela mulherzinha vale uma fortuna por ser uma mulher que não tem meios e o ganha com o suor do seu rosto. Estas lições estão-se constantemente a dar porque essas pessoas comovem-se a ouvir falar da vida dos rapazes da rua, que agora são rapazes da sociedade. Por isso, reparem como essas cenas são de imitar: uma pobre a dar aos Pobres!»

Júlio Mendes é muito observador e narra com entusiasmo. Quando regressam da venda d'O GAIATO e procuram falar todos à uma, é sempre o Júlio que leva a *camisola amarela*: — *Quando entram nas igrejas, não compram. Mas, à saída, todos querem. Vêm tocados e arrependidos!* — diz ele.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

de Julho de 2002 seja o arranque para que a nossa Associação volte a ser o elo de ligação entre os antigos gaiatos.

Carlos Gonçalves

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

A Festa de Natal realizou-se dentro de tudo o que é cristão: a Paz e o Amor. Houve alegria, camaradagem, e uma grande dose de felicidade no rosto das crianças ansiosas por receberem as suas prendas. Tivemos a participação, com bastante disposição da Casa do Gaiato, e, de alguns também, meritórios

participantes artistas que quiseram abrilhantar o dia festivo. Já para o fim, o nosso Padre Júlio deixou uma mensagem de Natal, falando da sua importância na vida do cristão e de alguns problemas da sociedade dos nossos dias.

Terminado o espectáculo, houve a tradicional entrega de prendas, com *suspense*. Foi um dia de felicidade pelo trabalho cumprido. As prendas tiveram as ajudas possíveis das Juntas de Freguesia da Marateca, Gâmbia, Pontes, Alto da Guerra, Santa Maria da Graça, S. Julião, Anunciada, S. Sebastião; e, da Região de Turismo de Setúbal — Costa Azul.

O dia acabou com uma merenda e música. Temos esperança de fazermos melhor. O Natal é todos os dias. A sua grande mensagem é de Paz e Amor.

César Amante

BENGUELA

Caminho para a paz

NESTE Domingo tinha destinado ir pelo bairro dentro a ver casas para cobrir com chapas de zinco. Logo de manhã cedo, as interessadas estão à porta. São as mulheres com seus filhos, que os homens andam por lá. Uma delas levava, ao colo, duas crianças gêmeas recém-nascidas, bem aconchegadas aos peitos da mãe. Não estão secos porque o mínimo necessário sai do teu coração, também. É um mundo cheio de vida que importa salvar. Não têm berço nem colchão onde possam deitar-se. Têm o colo da mãe que lhes dá vida e as faz crescer. Não podemos fechar o coração. Ontem, chegaram dezoito colchões usados, em muito bom estado. Hoje começaram a sair. A mãe e os filhos têm onde reclinar a cabeça. Os dois gémeos vão ser registados e o nome do pai há-de aparecer.

O registo civil gratuito de

crianças dos zero aos dezasete anos continua até ao fim do ano. Quem dera que o esforço para responsabilizar os pais em dar o seu nome no registo dos filhos não esmoreça. É uma boa oportunidade que a Lei dá. Alguns milhões de crianças vão ser registadas. Todas têm pai. É preciso que o nome do pai apareça. É um direito que deve ser respeitado. Temos falado neste assunto algumas vezes. Nunca é demais recordar matéria tão importante para a vida dum filho. Sabemo-lo pela experiência com aqueles filhos que vivem connosco. Quantas vezes no lugar do nome do pai e da mãe aparecem traços!? Pelo menos queriam ver o nome!

Ontem fomos levar uma lista de cento e trinta e sete crianças ao registo civil para serem registadas. Muitas delas irão frequentar a nossa Escola, pela primeira vez. São passos pequeninos, mas importantes para a vida

destes filhos. Quantos deles ficariam sem Escola, marginalizados, por causas tão simples de resolver! Há problemas do Povo que não pedem técnicas especiais para serem resolvidos. Pedem, isso sim, vontade decidida e muito amor. Os verdadeiros técnicos são pessoas que amam muito, dizia Pai Américo, ao falar dos educadores. O mesmo se pode dizer doutras áreas humanas.

Estou convencido de que, apesar da guerra, haveria muito menos sofrimento se todos dessem as mãos aos mais fracos; se os meios disponíveis do Estado e dos particulares fossem dirigidos, em primeiro lugar, para aliviar a situação desumana em que vive a maior parte dos filhos de Angola. Mas, não! Verdadeiras fortunas não é caminho para a paz. A guerra não explica todo o sofrimento por que passa o nosso Povo. A injustiça



No topo, está o nosso Padre Manuel António.

social reinante tem muito peso na situação de desgraça actual.

Erguemos o coração e levantamos a cabeça com a esperança de que mudará o que é desumano. Mães com os filhos pela mão vêm à procura da matrícula na Escola, que o ano lectivo não tarda em começar. Abrem-se as portas a um

mundo novo que se adivinha estar para vir. Os Pobres são o aguilhão que nos acorda e não nos deixa repousar no comodismo. Felizes os de coração pobre porque estão sempre em marcha para o Bem. Feliz aquele casal jovem de médicos que, hoje mesmo, parte de Benguela para continuar a formação na sua terra

natal, depois de um ano de serviço doado aos doentes dos bairros. Boa viagem, Luís e Margarida! Se, algum dia, ouvirdes o clamor dos Pobres a chamar por vós, não lhes fecheis o vosso coração. Não guardeis só para vós aquilo que possuís. Quem dera que assim fosse com todos nós!

Padre Manuel António

Momentos

Reflexão

TAMBÉM fui à inauguração da estátua do Padre Américo colocada em frente ao Hospital do Vale do Sousa, com o seu nome, no concelho de Penafiel.

Comungo com tudo o que lá se disse e com o que Padre Carlos escreveu n'O GAIATO.

Esta é uma figura cuja interpelação nunca é demais exaltada, tanto para doentes como para os seus servidores.

Após a celebração da Missa, onde o Padre Baptista, presidindo, pôs os pontos nos iis aos doentes, médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar, fomos até junto da estátua de bronze, descerrada com simplicidade e elevação.

Os rapazes e os padres presentes rodearam a escultura para tirarem uma fotografia que ficará escondida em álbum para ténue memória.

Não fui capaz de fazer parte do grupo.

Naquele momento era dominado por um sentido de frustração incontrolável que me tolhia e enregelava.

Padre Américo foi realmente um Pai. Um Padre-Pai capaz de revelar a paternidade divina.

Uma homenagem feita pelo mundo dos homens justifica-se inteiramente, mas fica muito aquém da que lhe deveriam prestar os cristãos. Os que acreditam e têm ainda, à sua frente, uma vida para viver.

O frio soprava do quadrante da fé.

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa e o Calvário situam-se exactamente nesta zona, a poucos quilómetros.

Valem a tantos Pobres destas cercanias!...

O Padre Baptista tem gritado clamorosamente, há muitos anos, por uma senhora que o venha ajudar e seja, no Calvário, a mulher forte em que se confie. E... nunca ninguém, pelo mesmo ideal do Padre Américo deixou a sua vida para a dar.

Nunca!...

Aqui, nesta região de onde era originário, o Padre Américo levantou altaneira a Luz

de Deus e, por ela, deslumbrou Portugal e o Mundo...

Ao contemplar este alheamento adormecido apetece queixar-me como Jesus em Nazaré: — *Jamais alguém foi profeta na sua terra!*

Em todas as Casas do Gaiato vivemos à míngua de mulheres que sejam mães dos que a não têm! E, aqui, em Paço de Sousa, meu Deus, que deserto!...

Deixar o mundo com a sua vulgaridade! A vida natural mesmo sublime! E entregar-se a Deus neste barco sem vela, onde a gente se pode dar todo e sempre, a cada momento, onde não há tempo para mais nada senão para se consagrar numa contínua e concreta doação!...

Sabemos que esta Obra não proporciona nem prestígio nem posição social nem segurança!

A Obra não oferece nada. Dá oportunidade. Sobretudo não promete segurança. Um conceito mundano e ilusório que tanto atrapalha os cristãos a dizer sim ao chamamento de Deus e que o Padre Américo tão bem desdenhou.

A segurança económica, efectiva, espiritual e sobrenatural, só em Deus! E não num Deus do Antigo Testamento, mas do Novo!

Um Deus que Se fez Homem e do homem o Seu irmão; e do mais pequenino e mais pobre o Seu filho, irmão, pai e mãe.

Assim o Padre Américo amou Deus. Assim pregou a Vida Sobrenatural e o destino eterno do homem!

Como ele se sentiria honrado com estátuas vivas de gente que, como ele, se deixasse embalar pela «martelada» do Espírito e vivesse a sua fé na mesma linha.

Fraternidade

A notícia da tragédia que os rapazes descrevem noutro lugar, levou-me imediatamente a Setúbal. Bastou o telefonema do Padre Júlio, cravou-se uma dor no

coração. Cheguei à Casa do Gaiato de Setúbal pelas 22 horas. O silêncio, a tristeza e o choro dominavam em absoluto o ambiente. A Família estava em dor.

O Tiago, o melhor bailarino da Academia de Dança Contemporânea, o futebolista genial, o aluno do sexto ano, o nosso menino desde os cinco anos, fora esmagado pelo rodado de um reboque da Casa sem que ninguém se apercebesse.

A noite foi terrível para mim. Se dormi alguma coisa foi para sonhar com pesadelos que ainda mais me cansaram.

De manhã, sábado, às 8,30 h. os rapazes tomavam o pequeno-almoço. Café com leite quentinho e abundante pão com doce.

As mesas todas compostas com toalhas emprestavam alegria à magnífica sala de jantar.

O silêncio era total. Estavam cento e vinte rapazes, dos três aos vinte e seis anos. Entrei da cozinha para o meio do refeitório e disse baixinho: — Bom dia!...

A resposta brotou no mesmo tom e o silêncio impôs-se.

Impressionou-me a dor dos rapazes!

Eu tirava a prova provada da fraternidade em nossa Casa.

Tinha-a exaltado em tantas ocasiões como a compensação mais frutuosa capaz de curar tantos males. Tenho-a observado com imenso gozo, tantas vezes, nas mais diversas circunstâncias, mas nunca como nesta manhã. Tinha morrido, inesperadamente, um irmão!

Maravilhoso sonho do Padre Américo por nós realizado numa *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.*

Psicólogos? — Quando for necessário vamos ao seu consultório.

Educadores? — Ninguém melhor do que eles.

Um recado

ANTIGAMENTE, muitos dos nossos Assinantes que escolhem o tempo do Natal para pôr em dia as suas contas com O GAIATO e outros Amigos que, em razão da quadra festiva, nos lembram com as suas ofertas, porque, em maioria, o fazem por cheque e confirmavam nos seus extractos bancários o recebimento, dispensavam-nos de tal. Era um reverso maravilhoso da sua presença amiga, sabido como é, que «serviços administrativos» não são o nosso forte.

Agora, o facto do alívio fiscal que produz o recibo dos seus dons, faz, naturalmente, com que quase todos o peçam.

Fora deste tempo de ponta conseguimos corresponder quase «na volta do correio». Agora não, tanto mais que a maioria dos dons que nos chegam vem *embrulhada* em mensagens tão delicadas e calorosas que, a respondermos, não podemos fazê-lo sem uma palavra específica àqueles que nos contemplam com tanta amizade e confiança — que Deus nos ajude sempre a merecer. Daqui o atraso nas respostas e a preocupação de muitos, que voltam a contactar-nos em busca desta notícia.

O recado é este: Estejam tranquilos porque só por excepção haverá algum problema com os seus envios e um ou outro deles, já detectados, estão em vias de remediar-se; e os recibos a apresentar nas contas fiscais, estarão a tempo nas mãos de quem tem de os apresentar — assim o esperamos...

Padre Carlos

Vigilantes? — Eles dispensam-nos. Ninguém vigia com tanta eficácia e carinho.

Poderia interrogar todos os quadros duma Casa de rapazes. Tudo é feito por eles. Tudo é deles. O resultado é este: Família!

A dor de um é a dor de todos. Como as alegrias!

Confortou-me aquele silêncio.

O funeral teve uma dignidade soberba.

No fim alguém me consolava, banhado em lágrimas: — *Na Casa do Gaiato, até os funerais são lindos!*

Temo-lo no Céu a bailar junto de Deus e com Deus a dança que amanhã nos integrará!

Padre Acílio